

Editorial

“As múltiplas faces da estética juremeira: Um estudo sobre a Indumentária no culto da Jurema na Paraíba”

Uma homenagem a Larissa Sarmiento Lira: uma jovem flor que se encantou

Dilaine Soares Sampaio¹



No pé da jurema

Tem uma flor (...)

Parte da toada “No pé da Jurema”

Peço licença, peço força, peço *agô* a Xangô e a Oxum, orixás que regiam o *ori* de Larissa Lira, para apresentar aqui um Editorial completamente fora dos padrões habituais em todos os aspectos: tamanho, estética e estilo. Trata-se de um editorial, uma despedida, uma homenagem, um ensaio que terminará com

¹ Professora Associada do Departamento de Ciências das Religiões e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB. Editora- gerente da Revista Religare desde 2014.

uma narrativa fotográfica. Um *ebó*, dos mais complexos que já fiz. Uma oferenda, feita com esmero e dedicação, ainda sentindo a dor da perda. Desta vez tudo se mostrará junto, misturado, bricolado, como as múltiplas faces da Jurema Sagrada, do Catimbó-Jurema.

Nesses dez anos como editora-gerente da Religare, este é certamente o editorial mais desafiador que já fiz. Não é fácil trabalhar com as armadilhas da passagem do tempo e de nossas existências. Não é fácil operar com ciclos que tomamos como invertidos. Neste ano em que preciso anunciar as mudanças operadas no formato da *Religare*, que passa de semestral a anual, agora adotando o formato do fluxo contínuo, encontro-me com a difícil tarefa de lidar com a complexidade da vida, de sua longevidade e de sua finitude, o que parece muita coisa para ser demonstrada na frieza de um periódico científico.

Num mesmo número, homenageamos uma de nossas editoras executivas, Larissa Sarmiento Lira, que nos deixou em 22 de agosto de 2024, aos 38 anos de idade. E damos a auspiciosa notícia, com muita alegria, da outorga do título de Doutora *Honoris Causa* para Mãe Rita Preta de Oxalá pela UFPB, nossa centenária sacerdotisa de Umbanda e Jurema. Aos 96 anos de registro formal de nascimento, mas com mais de 100 anos de idade, pois foi registrada “já grande” como ela diz, consegue receber seu reconhecimento ainda em vida. Duas pontas de um mesmo *laço*, o começo e o fim *da costura*.

Larissa Lira além de ter sido editora executiva da Religare de 2018 a 2024, foi minha aluna, minha orientanda de mestrado e doutorado. Nossa relação ultrapassou e muito os muros da universidade, de modo que perdi uma grande amiga, parceira de muitas caminhadas. Mas sigo *costurando* aqui essas linhas invertidas e neste momento já me inspiro em seu trabalho sobre a indumentária litúrgica da Jurema, em que a idiomática do universo da *costura* foi *alinhavando* o seu pensamento. E assim, a discípula virou mestra! Jamais pensei que seria eu a juntar toda a produção de uma orientanda para garantir que todo o seu legado permaneça. Sempre brincava com ela que não me deixasse morrer para juntar

minhas coisas, que quando eu estivesse para me aposentar, que ela já fosse reunindo alguns orientandos e orientandas para unificar minha produção dispersa em livro! Diferentemente disso, desde a sua partida tenho reunido forças para *juntar* tudo o que ela produziu, para divulgar o trabalho brilhante que desenvolveu sobre a Jurema Sagrada. Contudo - como Larissa era exemplarmente organizada - por um carinho do *odú (destino)*, ela mesma tratou de ir juntando seus *retalhos* teóricos, etnográficos, escritos e imagéticos. E a partir daqui passo a mostrar como construiu sua linda *colcha de retalhos* na academia.

No primeiro semestre de 2015 Larissa Lira ingressou ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB como aluna especial da disciplina religiões afro-brasileiras que ministro em semestre alternados. Ali chegava a Larissa filósofa, designer de moda, proprietária da marca *Axêi arte*, com ênfase em moda afro-brasileira e muito interessada no estudo das religiões afro-brasileiras - ou melhor, das religiões afro-campinenses, pois como filha de Campina Grande, segunda maior cidade da Paraíba, queria falar do seu chão, das suas raízes. No ano anterior a sua incursão na Pós-Graduação em Ciências das Religiões, na UFPB, havia iniciado autonomamente seus estudos sobre as religiões afro-brasileiras para o desenvolvimento de uma coleção de sua marca com o tema: *Fios de axé, a linguagem das roupas, seus símbolos, signos e identidade social expressa através do vestuário*. Após um semestre de ambientação, como aluna especial, fez o processo seletivo e ingressou no mestrado. Aluna e orientanda muito dedicada, proativa, sempre com sorriso no rosto e alegria contagiante, concluiu a sua dissertação intitulada *Trajetória, Memória, Hierarquia e Poder: Vicente Mariano e o Terreiro Senhor do Bonfim Ilê Oxum Ajamin* no ano de 2017. Posteriormente, foi publicada em formato de livro com o título *Memória, Hierarquia e Poder: Vicente Mariano e o Terreiro Senhor do Bonfim Ilê Oxum Ajamin*.

O trabalho tornou-se um marco nos estudos das religiões afro-brasileiras em Campina Grande, pois não se restringiu ao Terreiro pesquisado. Ela

conseguiu demonstrar, por uma etnografia cuidadosa, muito viva, feita pelas andanças em muitos terreiros de Campina Grande, que o tatalorixá Vicente Mariano - que também já nos deixou e habita o *Orum* - é o nome inaugural e mais antigo do campo religioso afro-campinense. Como afirmei na apresentação de seu livro, Larissa Lira soube:

respeitar o tempo e a dor do outro, em seus múltiplos sentidos: a dor física que chega com a passagem dos anos; aquela que corre pelas veias, enquanto memória corporal vivida pela ancestralidade africana que foi violentada e, ainda, aquela que também se revela no receio de transmitir o que se tem de mais valioso, a própria memória, especialmente ao outro que traz em si, ainda que involuntariamente, as marcas do “estrangeiro”, do discurso colonialista pelo qual a academia que nos forma está impregnada. A autora soube tomar para si e deixar ir. Tomou para si e apropriou-se do saber científico, caminhou com ele para atingir o resultado necessário que todo empreendimento acadêmico exige, contudo, deixou ir todo o arrazoado de nossas frágeis epistemologias científicas, sabendo caminhar entre as franjas, compreendo os limites de nossos conceitos e teorias, abrindo-se para o saber do outro (...).

No candomblé, cotidianamente se diz que antiguidade é posto. Daí a importância de trabalhos acadêmicos como este, que possam não simplesmente resgatar ou recuperar, como comumente se diz nos trabalhos de memória, mas (com)partilhar experiências vividas, buscando pensar na “encruzilhada” do saber advindo dos terreiros, de seus Tatas, Babás, Iyás, Filhos e Filhas de santo, “afetando” e também deixando-se “afetar” (VELHO, 2007) permitindo que o outro ensine não somente sobre aquilo que veio saber e julga importante, mas também sobre aquilo que outro deseja transmitir, sobre ele e sobre nós mesmos enquanto pesquisadores (Sampaio, 2018, 12-13).

A escrita de sua dissertação foi permeada pelo desafio de tornar-se cuidadora do seu principal interlocutor que também era um velho amigo de sua família e o seu “pai espiritual”, como dizia, numa *modelagem* muito específica de filiação: o tatalorixá Vicente Mariano. Durante o processo de escrita, Vicente Mariano precisou ficar internado no hospital para amputação de parte de sua perna esquerda. Ali a pesquisadora virou também cuidadora e sua pesquisa no terreiro se viu interrompida devido a suspensão das atividades durante a doença

de sua liderança. Todavia, pelos caminhos nada lineares do trabalho de campo, seu *locus* de pesquisa passou do terreiro para o hospital. Desde o começo da pesquisa, Tata Vicente Mariano mostrou-se muito resistente em falar e responder as perguntas de Larissa. Por várias vezes ele dizia a ela “o que sei vou levar comigo, não passo pra ninguém não” (Lira, 2017, p.26). Mas com a habilidade de Larissa como pesquisadora e seu jeito de ser doce e conquistador, Tata Vicente foi cedendo, pois percebeu que dali poderia sair algo grandioso. Em um dos momentos de cuidado no hospital ele a chamou e disse “vamos conversar?”. Posteriormente, nos conta Larissa: “Vicente me pediu um lápis para escrever e mentalmente questioneei: mas como? Se ele não sabe escrever! Enfim, não precisava de palavras para descrever o seu olhar que demonstrava a permissão dada para eu escrever sobre a sua trajetória e registrar esta memória” (Lira, 2017, p.27-28). Larissa fez jus a confiança depositada, entregou um lindo trabalho não só para a academia, mas também para os povos de terreiro. Apresentou seu trabalho não somente na universidade, mas também no terreiro, para Tata Vicente, já recuperado, e todas as pessoas que colaboraram para sua pesquisa: iyalorixás, babalorixás, equedes, ogãs, iaôs, abiãs, filhos e filhas de santo que atentamente puderam se ver a cada slide mostrado. Ali nascia uma pesquisadora muito responsável com a ética na pesquisa, com o trabalho de campo que precisa retornar àqueles que de fato detém o saber que possibilitou o nascimento, o desenvolvimento e a finalização da pesquisa. Com aquela ação de gratidão, de retorno, ganhou o afeto e a credibilidade do povo de terreiro de Campina Grande, que já estava de porta abertas para a sua pesquisa de Doutorado, que já começava a ser *tecida* ao final do mestrado.

Em 2018 ingressou no Doutorado. Aqui a caminhada foi linda e dura, alegre e triste, forte e frágil. Nesse momento fica difícil seguir *costurando* esse texto. A digitação começa a ficar trôpega e os olhos marejados. Larissa enfrentou todas as dificuldades da pandemia da covid-19 que assolou o mundo a partir de 2020. Enfrentou o seu adoecimento e de sua mãe de 80 anos, ambas atingidas pelo

coronavírus e, no caso de sua mãe, juntamente com a chikungunya. Para manter a sanidade em meio ao caos pandêmico, todos nós buscamos os mais diversos caminhos. O de Larissa foi o do conhecimento. Aproveitou tudo o que pode de cursos on line que pudessem contribuir com sua tese. Como relata na introdução:

conheci a Escola MASP-SP em meados do 4º e 5º mês da pandemia em 2020, fiz o curso Histórias do Vestir: cinco artistas negros do acervo do MASP. O contato com as obras de Heitor dos Prazeres, Maria Auxiliadora, Rosana Paulino, Aline Motta, Beatriz Nascimento e Dalton Paula foram transformadoras. Até fazer o curso eu não conhecia essas personalidades que tocaram e costuraram um Brasil afro, pintaram de muitas cores um país de travessias (LIRA, 2023, p.25).

Outro encontro importante foi com os mestres Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, colegas queridos dos quais sou fã e tive o prazer de apresentar para Larissa. Fez o curso *Entre tambores e procissões, festas e frestas da Brasilidade* (2021). “Esta dupla chamada Luiz”, como mencionou em sua tese, junto de outros pensadores deram a ela “ritmo, linha e compasso para pensar traços marcantes da cultura e brasilidades” (LIRA, 2023, p.25). O que há muito tempo é inspiração para mim e para o Grupo de Pesquisa Raízes que coordeno, do qual era também integrante, foi também inspiração para ela. A coletânea de obras de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino foram, segundo Larissa Lira:

parte da nossa modelagem teórica, os goles poéticos que esses pensadores dividiram neste e em outros encontros, entre livros e *lives*, me inspiram em todos os momentos da escrita, direcionam um percurso que dobra à esquerda e segue da margem para o centro da discussão (Lira, 2023, p.25).

Toda tese de excelência que possa concorrer ao prêmio CAPES de tese precisa gerar produtos, pois é parte dos critérios para avaliação. Larissa Lira não se contentou com os produtos tradicionais como capítulos e artigos. Ela os fez também, mas foi muito além. Em 2022, se inscreveu e foi contemplada com uma vaga no curso *Qual Moda, para qual Mundo?*. Promovido pelo Instituto Casa de Criadores, teve como objetivo a “educação, pesquisa e capacitação gratuita de

artistas, estilistas e diferentes profissionais ligados ao universo da moda e da arte”. Foram mais de duas mil pessoas inscritas, mas apenas trezentas foram selecionadas. Larissa teve a oportunidade de “viver uma experiência pioneira no país, a de pensar e criar novas bases para a educação em moda e design no Brasil de forma horizontal e decolonizada”. O fruto do curso foi integrar a *Coletiva Presentes Futuras*, “um encontro de mulheres de diferentes regiões do Brasil que ao reverenciar tempos, saberes, mundos e memórias, estão a pensar sobre novos e velhos modos de criar e fazer modas” (Lira, 2023, p.25). No ano de 2023, mesmo ano em que defendeu sua tese, a *Coletiva* foi premiada com o incentivo sociocultural da FARM para realização do projeto *Linhas Pretas*. E lá estava ela, participando da elaboração do “Mapa Afro-brasileiro de Jovens Criadores Pretes da Moda, nasce do incômodo da invisibilização de profissionais pretes na área de moda no Brasil”, conforme se pode ver no site do projeto <https://mapalinhaspretas.com/>.

Depois de transformar o isolamento social do período pandêmico em espaço de criação e aprimoramento, os rumos mudaram. Foi acometida por um câncer e precisou enfrentar todos os complexos tratamentos decorrentes, o que a afastou da construção da tese. Ela se entristecia com a interrupção, mas jamais esmoreceu. Em suas palavras, ao fechar a introdução de sua tese, escreveu:

Quando pensei que iria dar por encerrada essa introdução, algumas linhas ainda se fazem necessárias. Numa jornada que transcende os limites da pesquisa acadêmica, esta investigação foi moldada por um capítulo inesperado e profundamente transformador em minha própria vida e que agora compartilho. Durante um período de 10 meses, fui convocada a uma batalha contra a presença indesejada de um câncer no colo do útero, o que me fez afastar temporariamente das linhas e ritmos do estudo para mergulhar em um outro tipo de jornada que exigiu não apenas a minha atenção, mas também uma pausa reflexiva. Esse foi um capítulo profundo e transformador, onde a cirurgia não foi apenas a remoção de um tumor, mas a costura de uma narrativa repleta de nuances de luta, esperança e renascimento. Este episódio, embora pessoal, entrelaça-se com a pesquisa de maneira direta, delineando as fragilidades e complexidades da condição humana e a capacidade de encontrar significado mesmo nas experiências mais desafiadoras. Cada passo, um ato

de coragem, cada dia, um desafio e uma oportunidade de resistir aos tratamentos (quimioterapia, radioterapia e braquiterapia). necessários. A experiência da doença e da cura, entrelaçada com o fio da pesquisa, trouxe à tona uma verdade inegável: a resiliência humana, muitas vezes silenciosa e não proclamada, é a base sobre a qual construo não apenas a minha própria narrativa, mas também a narrativa deste trabalho, revelando-se como uma fonte inesgotável de inspiração e determinação. Este estudo, portanto, não é apenas uma tese acadêmica, é uma celebração de vida, de superação e do poder transformador que reside não apenas na pesquisa, mas na jornada íntima de cada ser que se entrelaçou a ela. Agradeço a todas as pessoas que estiveram comigo.

Agora sim, é hora de tramar e tecer! (Lira, 2023, p.34).

Por um curto prazo de tempo pareceu estar curada. Venceu todos os obstáculos, ganhou um sopro de vitalidade, mas já no processo de finalização da tese se viu acometida por intensas dores corporais. Ainda não sabia, mas a doença tomava outras partes do corpo. Precisou recorrer algumas vezes à medicação hospitalar; mas seguiu avante, pois havia muita determinação, muita vontade de fechar o logo ciclo iniciado. Ela era detalhista, meticulosa, e por mais que eu dissesse, carinhosamente: “Filhinha, tese boa é tese defendida! Vamos fechar!” Ela respondia: “Tá certo profa. Estou fazendo os *arremates* finais! Agora é sem invenção, só finalizando!” E nisso foram mais uns dias, entre fortes dores ia *costurando* os últimos *retalhos* de sua grande e linda *colcha de retalhos*.

Conseguiu defender sua tese de doutorado com muita maestria, no dia 21 de dezembro de 2023, diante de uma banca com nomes muito experientes e conhecidos nas Ciências da Religião e nos estudos afro-brasileiros de modo geral: Professoras Zuleica Dantas Pereira Campos, Nilza Menezes Lagos e Fernanda Lemos juntamente com o Prof. Luiz Assunção. E pela primeira vez, em doze anos de atuação na Pós-Graduação, vi uma banca emocionada diante de uma tese praticamente irretocável, nitidamente feita com a alma, com a força e o espírito guerreiro de Xangô, com o brilho, a doçura e a sutileza de Oxum, orixás que detinham o seu *ori*. Houve apenas uma sugestão de modificação. A tese intitulada *As múltiplas faces de uma estética juremeira: Um estudo sobre a Indumentária no culto*

da Jurema na Paraíba, que deu nome a esse editorial-memorial-homenagem-oferecida foi inédita e inovadora, pois é a primeira tese que tratou da estética e estudou a indumentária sagrada na Jurema, pois se no Candomblé o estudo de sua estética, arte e vestimentas litúrgicas são em maior número, o mesmo não ocorre em relação ao Catimbó-Jurema. Dedicada aos Mestres e Mestras da Jurema, a epígrafe é diferenciada, pois traz um QR code que dá o acesso a playlist “Jurema” onde se pode escutar todas as toadas citadas na tese! Neste momento opto por trazer as suas próprias palavras, mais bem *alinhavadas* do que poderia conseguir explicar aqui:

A pesquisa de caráter etnográfico, que se realiza no âmbito das Ciências Empíricas da Religião em diálogo com a perspectiva antropológica, tem como objetivo geral compreender o Catimbó-Jurema através dos movimentos nos modos de vestir-se, pelo desenvolvimento dos trajes, tecidos e inovações nas formas de criar estilos e fazer modas. A bibliografia sobre o Catimbó-Jurema, os acervos fotográficos/etnográficos da Missão de Pesquisas Folclóricas (1938) e o Acervo de José Simeão Leal (1941) são pontos de partida da análise, tendo em vista a importância das imagens para se refletir sobre a indumentária de uma época e suas (re)invenções estéticas. Estudos antropológicos sobre a cultura material (MILLER, 2013), sobre o valor da imagem na experiência etnográfica (BARBOSA, 2006; 2016) e os tempos das imagens (KOSSOY 1989; 2007) reforçam uma perspectiva analítica potencial e efetiva dos estudos de memória e indumentária, recortes da modelagem teórica. O conceito de indumentária ganha aqui uma modelagem ampla, sendo compreendido em dimensões que ultrapassam o corpo. As vozes-retalhos (interlocutores/as) da etnografia auxiliam na compreensão do sistema de produção que envolve o valor sagrado e mercadológico bem como as estratégias de criação, demandas, processos de produção e consumo. Costurando retalhos de um passado catimbozeiro e alinhavando-os aos estudos contemporâneos sobre a Jurema, pretendo ao findar, nos arremates, em linhas finais, demonstrar que as expressões estéticas se apresentam como extremamente importantes na preservação da memória religiosa e na compreensão de um presente de inovações estampadas no culto da Jurema. Entendo que a análise das indumentárias, que envolvem as roupas, adereços, penteados, marcas corporais e objetos de uso ritual são peças-chaves e podem contribuir sobremaneira no entendimento do complexo religioso juremeiro e nas lacunas sobre os estudos

da cultura material, uma vez que essas dimensões ainda não receberam o tratamento devido na bibliografia afro-indígena brasileira (Lira, 2023, p.8).

Não satisfeita em abrir *a gira* de sua tese com beleza, assim como nos terreiros de Jurema, também fechou *a gira* com beleza - ou melhor, delicadeza talvez seja a melhor palavra. Afinal, como excelente pesquisadora que era, com um *feeling* etnográfico muito especial, aprendeu com mestras e mestres juremeiros que é preciso ponto cantado para abrir e ponto cantado para fechar, é preciso abrir com esmero e fechar com mais cuidado ainda! Ao apresentar a estrutura de sua tese, explica na introdução:

Como anexo, ao findar, os tecidos se tramam em textualidades, nessa altura apresento um glossário têxtil fazendo referência a todos os tecidos que foram citados/alinhavados na escrita, esse esforço é uma tentativa de aproximar o leitor/a de uma compreensão do universo têxtil para além do texto (Lira, 2023, p.32).

Assim ela terminava sua tese com uma oferenda para a sua ancestralidade. Recordo de suas palavras e mensagens via WhatsApp, declarando sua paixão por esse anexo têxtil. “Filha de mãe bordadeira e neta de costureira vivi e vivo num ambiente “abanhado” pelo universo do vestir, do “alinhamento” e sempre interessada no “arremate” das boas combinações (Lira, 2023, p.16). Ela chegava “chegando”, sempre com uma produção incrível, diferenciada, cheia de *axé*, muito presente em suas camisas que saudavam a espiritualidade afro-brasileira: *Laroyé, Saravá, Axé*, dentre muitas outras! Uma frase demonstrativa de sua força e de seu estilo inconfundível, que nunca esqueço é: “Se é pra ser careca, tudo bem, sem estilo é que não dá”. A frase acompanhava um linda foto dela com turbante vermelho, óculo de sol e uma camisa branca com a palavra “axé”, toda colorida, e claro, de sorriso no rosto!

Já querendo me despedir, não posso deixar de mencionar a sua produção audiovisual, que é uma arte à parte construída junto de sua pesquisa acadêmica. Criou a *Xangô filmes* em 2020. Conforme seu relato: “Inicialmente como um canal

no Youtube, local de hospedagem dos exercícios que realizava na prática antropológica visual do meu campo de pesquisa e atualmente como uma plataforma de trabalho”. O canal foi um grande sucesso, pois de forma orgânica possui atualmente mais de dois mil inscritos com vídeos que passaram de 20 mil visualizações, sendo que dois deles chegaram a 29 mil visualizações. Os números demonstram o grande interesse do público neste tipo de material.

A vontade de aprofundamento na Antropologia visual a conduziu a uma outra Pós-graduação, desta vez, em Produção de Cinema e Audiovisual (UNICORP/PB), realizada simultaneamente ao doutorado (2018-2023). O objetivo de cursar essa pós-graduação estava “no interesse em conhecer o universo das imagens, mergulhar no oceano do gênero documentário e na produção de filmes etnográficos”. Larissa desejava trabalhar mais e melhor as etnografias que “vivia, transcrevia e escrevia. Sua paixão e entrega ao audiovisual lhe rendeu a seleção de seu primeiro filme etnográfico para participação no 11º FIFER (Festival Internacional de Filmes Etnográficos do Recife) em agosto de 2023, com o filme: *Etnografia ao pé da máquina*, um primor do ponto de vista da forma e da lição que deixa sobre o inusitado no trabalho de campo para as próximas gerações (Lira, 2023, p.18-19).

Outra ação importante foi o título de cidadão campinense dado ao Tatalorixá Vicente Mariano pela Câmara Municipal de Campina Grande ainda no contexto pandêmico, em 14 de dezembro de 2020. A entrega do título se deu numa sessão especial que foi aprovada por unanimidade pelo Parlamento Municipal através da propositura do vereador Anderson Maia. Na sessão pôde lançar seu livro *Memória, Hierarquia e Poder: Vicente Mariano e o Ilê Axé Oxum Ajamin*. Mesmo doente, reuniu forças para se despedir do Tatalorixá Vicente Mariano, indo ao seu velório e registrando o ritual de seu axexê em 28 de abril de 2024. Quase quatro meses após o falecimento de seu Tata, em 22 de agosto de 2024, Larissa Lira faz sua passagem. É preciso registrar que como daimista e sócia do *Ilê Axém Oxum Ajamin*, recebeu em seu velório o reconhecimento da

comunidade daimista e de terreiro. O Céu de Campina, igreja do Santo Daime existente há 30 anos em Campina Grande lhe rendeu muitas homenagens pós-morte.

Outro lindo trabalho feito a partir de sua tese foi uma Coleção de Bonecas Juremeiras, fruto de uma colab entre a sua marca, *Axêi Arte* e a *Mensagem da semente*. Como explicita em sua postagem no instagram, feita no dia 23 de dezembro, a proposta da designer Greyce Sampaio foi a de criar uma coleção de bonecas que iria sendo produzida na medida em que a análise da pesquisa fosse avançando. O destaque da Coleção foi a Mestra Paulina, entidade de grande importância na Jurema, que chegou como um presente inesperado no dia de sua defesa, bem no meio da arguição: Mestra Paulina não quis perder a festa que foi sua defesa de doutorado! Para Larissa Lira, a partir da produção das bonecas - cuidadosamente feitas a partir de um estudo rigoroso das entidades - abre-se “um debate fundamental sobre a diversidade e intolerância religiosa”.

O trabalho de Larissa se tornou um marco nos estudos sobre o Catimbó-Jurema, de modo que qualquer pessoa que se interesse pelo tema precisará ler seus textos, seu livro e sua tese de doutorado, que será publicada no formato de livro como mais uma oferenda, um ato de preservação da sua memória, afinal, se ela não teve tempo de entregar e apresentar sua tese ao povo de terreiro de Campina Grande eu, juntamente de amigas/os, família e outros docentes cuidaremos de fazer o que ela faria: apresentar a sua tese a comunidade do *Ilê Axé Oxum Ajamin* e a todos os terreiros que participaram da sua pesquisa.

As conexões feitas por ela, fazendo um “encontro de saberes” através de uma etnografia decolonial faz com que seu trabalho seja de grande relevância não só para a área de Ciências da Religião e Teologia, mas também para áreas afins como a Antropologia, especialmente para a Antropologia Visual, Artes Visuais e Designer de Moda. A brevidade de sua existência é inversamente proporcional a tudo que conseguiu realizar. Viveu intensamente, de forma vibrante e nos deixa um legado muito especial.

Alinhavando as linhas finais, trago aqui a postagem feita em seu instagram pessoal, no perfil @larissalira_axei por ocasião de sua defesa de tese, quando dedicou um espaço para sua orientadora:

Cheguei lá com um novelo muito enlinhado, para dizer, vagas ideias. A prof. Dilaine desatou nó por nó, e me entregou linhas com agulhas afiadas para execução de uma costura firme, numa guiança sempre muito atenta, responsável e inspiradora. Desde então, me comprometi em fazer uma devolução em forma de trabalhos realizados, "ebós feitos" à altura do seu compromisso com a educação, academia e responsabilidade com as religiões afro-brasileiras, nosso campo de estudo e atuação. Nesse percurso sempre me senti alimentada e estimulada a fazer o meu melhor, a ouvir com ouvidos atentos as suas orientações certas como a flecha do caçador. Confiei, fui e acertei na mira!

Ela acreditou nos meus projetos e juntas, de ombro a ombro realizamos os trabalhos do mestrado e doutorado, entregando à sociedade pesquisas reais com compromisso social, cultural e religioso.

Agradeço aos ventos de Oyá que me sopraram para esse encontro. E quando Iansã e Xangô se encontraram, o resultado foi de raios e trovoadas, força em potência! Axé (21 de dezembro de 2023)

Busquei *costurar* nessas *linhas* em que fui entrelaçando todas as realizações da breve mas intensa carreira acadêmica de Larissa Lira como uma oferenda a sua memória, um verdadeiro tributo, feito de uma arrancada só, numa imersão que se iniciou por volta das 13h do dia 29 de dezembro e finalizado por volta de 06h30 da manhã do dia 30 de dezembro de 2024.

Uma última, difícil, mas necessária realização de 2024, já com 2025 batendo à porta. Sempre soube que essa flor desabrocharia com grande beleza, "Confiei, fui e acertei na mira!". "Acreditei em cada um de seus projetos" por ter certeza absoluta de seu potencial criativo, de seu "compromisso social, cultural e religioso" em fazer uma etnografia viva, cheia de cores e palpável para a comunidade de terreiro campinense e pessoense que abriu as portas e janelas para Larissa. Eu sou quem agradece aos bons "ventos de Oyá, que me sopraram para esse encontro". Entrego a primeira homenagem de outras que irei fazer a

você, a sua memória e ao seu legado. Eu não sabia como conseguiria elaborar esse Editorial-homenagem- memorial-oferenda, não sabia onde iria chegar, mas tinha a certeza que uma homenagem a você, querida Larissa, jamais se restringiria a três, quatro páginas, conforme se faz um editorial habitualmente.

O coração ainda sente sua ausência, mas encerro este ano cheia de gratidão e mais leve por ter conseguido lhe fazer essa oferenda. Espero que possa recebê-la aí, *do Orum*.

Referências

LIRA, Larissa Sarmento. @xangofilmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCaMCJ18jBQfAmIc85jgZrUw>. Acesso em 28/12/2024.

LIRA, Larissa Sarmento. @xangofilmes. Disponível em https://www.instagram.com/xangofilmes_larissalira?igsh=aGY5Zmx2NHjyZGVl. Acesso em 28/12/2024.

LIRA, Larissa Sarmento. @larissalira_axei. Disponível em https://www.instagram.com/larissalira_axei?igsh=em1nNjlmNGU1amlv. Acesso em 28/12/2024.

LIRA, Larissa Sarmento. *Memória, Hierarquia e Poder: Vicente Mariano e o Ilê Axé Oxum Ajamin*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

LIRA, Larissa Sarmento. *Trajetória, Memória, Hierarquia e Poder: Vicente Mariano e o Terreiro Senhor do Bonfim Ilê Oxum Ajamin*. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religião da UFPB, 2017.

LIRA, Larissa Sarmento. *As múltiplas faces de uma estética juremeira: Um estudo sobre a Indumentária no culto da Jurema na Paraíba*. *Tese de doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religião da UFPB, 2023.

Narrativa fotográfica

Essa homenagem não poderia terminar sem a maior paixão da homenageada: as imagens. Não com a mesma maestria da discípula que virou mestra, coletei imagens diversas de seus nove anos de trabalho campo. A sua dedicação a Antropologia visual foi imensa. Larissa não *costurava* bem somente palavras, mas também imagens. Seus slides de apresentação eram sempre primorosos, praticamente uma outra obra de arte pois tinha enorme talento também como designer gráfica. É a minha forma de ofertar para um público mais amplo uma ínfima parte de seu acervo imagético, que no futuro será sistematizado e disponibilizado. Todas as imagens compõem o Acervo de Larissa Lira.

A pesquisadora em campo: quem observa é também observada!





O campo: uma amostra de seu Acervo construído em nove anos de etnografia



Fonte: Acervo Larissa Tira

2.3 - Estéticas juremeiras, trajes e gêneros

Interessa a sessão trazer à mostra, como vitrine, os trajes das entidades, como forma de entender as faces que fazem da Jurema uma religião de múltiplas estéticas.

Slide de apresentação durante a qualificação de Doutorado



Conexões Paraíba – Pernambuco: Ilê Obá Ogunté, conhecido como Sítio do Pai Adão e o encontro memorável com Manoel Papai, babalorixá que dirige o Sítio de Pai Adão



Entrevista com Mestre Lucas no templo de Mestra Jardecilha – Alanhandra - PB



Mestra Paulina, da confecção do traje a sua festa

Imagem 5: encontro com o Mestre José Molequinho. Campina Grande – PB, 2022.



Fotografia: Greyce Sampaio.





Registros de Tata Vicente Mariano

As defesas: na universidade e o retorno ao campo

**Defesa de
Dissertação**
Programa de pós-graduação em
Ciências das Religiões (PPGCR)

**TRAJETÓRIA, MEMÓRIA, HIERARQUIA E PODER:
Vicente Mariano e o Terreiro Senhor do Bonfim Ilê Oxum Ajamin**

LARISSA SARMENTO LIRA

DATA: 31/07/2017
HORA: 14:00h
LOCAL: Centro de educação - Sala de reuniões





Defesa de
Tese de Doutorado

15/Dez/23

Local: Centro de Educação
Sala: MESTR 04 bloco
- Térreo /UFPB
Horário: 14 horas

As múltiplas faces de uma
estética juremeira: um
estudo sobre a indumentária
no culto da Jurema na Paraíba

Larissa Sarmiento Lira

Orientadora: Dra. Dilaine Soares Sampaio
Programa de Pós Graduação em Ciências
das Religiões PPGCR/UFPB



A produção intelectual e o reconhecimento: a hora da colheita





